

# E-BOOK AMPLAMENTE GÊNERO E DIVERSIDADE

Organizadores

Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas

Luciano Luan Gomes Paiva

Caroline Rodrigues de Freitas Fernandes

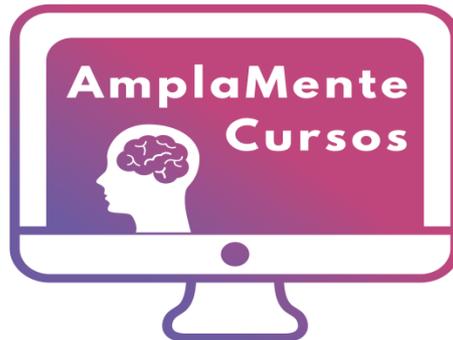


EDITORA DE LIVROS  
FORMAÇÃO CONTINUADA

E-BOOK

# AMPLAMENTE: GÊNERO E DIVERSIDADE

1ª EDIÇÃO. VOLUME 01.



EDITORA DE LIVROS  
FORMAÇÃO CONTINUADA

## ORGANIZADORES

Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas

Luciano Luan Gomes Paiva

Caroline Rodrigues de Freitas Fernandes

DOI: 10.47538/AC-2020.16



EDITORA DE LIVROS  
FORMAÇÃO CONTINUADA

Ano 2020

E-BOOK  
**AMPLAMENTE: GÊNERO E DIVERSIDADE**  
1ª EDIÇÃO. VOLUME 01.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amplamente [livro eletrônico] : gênero e diversidade / organização Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas , Luciano Luan Gomes Paiva , Caroline Rodrigues de Freitas Fernandes. -- 1. ed. -- Natal, RN : Amplamente Cursos e Formação Continuada, 2020.  
PDF

ISBN 978-65-992789-5-2

1. Ciências sociais 2. Diversidade 3. Diversidade cultural 4. Gênero e sexualidade 5. Identidade I. Freitas, Dayana Lúcia Rodrigues de. II. Paiva, Luciano Luan Gomes. III. Fernandes, Caroline Rodrigues de Freitas.

20-48743

CDD-305.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Gênero : Identidade : Sociologia 305.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Amplamente Cursos e Formação Continuada  
CNPJ: 35.719.570/0001-10  
E-mail: [publicacoes@editoraamplamente.com.br](mailto:publicacoes@editoraamplamente.com.br)  
[www.amplamentecursos.com](http://www.amplamentecursos.com)  
Telefone: (84) 999707-2900  
Caixa Postal: 3402  
CEP: 59082-971  
Natal- Rio Grande do Norte - Brasil



Ano 2020

**Editora Chefe:**

Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas

**Assistentes Editoriais:**

Caroline Rodrigues de F. Fernandes  
Maria Pollyana Sales Vicente  
Margarete Freitas Baptista

**Bibliotecária:**

Maria Alice Ferreira

**Projeto Gráfico e Diagramação:**

Luciano Luan Gomes Paiva  
Caroline Rodrigues de Freitas  
Fernandes

**Imagem da Capa:**

Canva 2020 by Amplamente Cursos e Formação Continuada

**Edição de Arte:**

Luciano Luan Gomes Paiva Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020 Amplamente Cursos e  
Formação Continuada

**Revisão:**

Os autores Direitos para esta edição cedidos pelos autores à  
Amplamente Cursos e Formação Continuada.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de atribuição [Creative Commons. Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional \(CC-BY-NC-ND\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Este e-book contém textos escritos por autores de diversos lugares do Brasil e, possivelmente, de fora do país. Todo o conteúdo escrito nos capítulos, assim como correção e confiabilidade são de inteira responsabilidade dos autores, inclusive podem não representar a posição oficial da Editora Amplamente Cursos.

A Editora Amplamente Cursos é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Todos os artigos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

É permitido o download desta obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Situações de má conduta ética e acadêmica ou quaisquer outros problemas que possam vir a surgir serão encaminhados ao Conselho Editorial para avaliação sob o rigor científico e ético.

## CONSELHO EDITORIAL

Dr. Damião Carlos Freires de Azevedo  
Dra. Danyelle Andrade Mota  
Dra. Débora Cristina Modesto Barbosa  
Dra. Elane da Silva Barbosa  
Dra. Eliana Campêlo Lago  
Dr. Everaldo Nery de Andrade  
Dr. Jakson dos Santos Ribeiro  
Dra. Josefa Gomes Neta  
Dra. Maria Inês Branquinho da Costa Neves  
Dr. Maykon dos Santos Marinho  
Dr. Rafael Leal da Silva  
Dra. Ralydiana Joyce Formiga Moura  
Dra. Roberta Lopes Augustin  
Dra. Viviane Cristhyne Bini Conte  
Dr. Wanderley Azevedo de Brito

## CONSELHO TÉCNICO CIENTÍFICO

Ma. Ana Claudia Silva Lima  
Esp. Bruna Coutinho Silva  
Ma. Camila de Freitas Moraes  
Me. Carlos Eduardo Krüger  
Esp. Caroline Rodrigues de Freitas Fernandes  
Me. Clécio Danilo Dias da Silva  
Me. Fabiano Eloy Atílio Batista  
Ma. Heidy Cristina Boaventura Siqueira  
Me. Jaiurte Gomes Martins da Silva  
Me. José Flôr de Medeiros Júnior  
Me. Josicleide de Oliveira Freire

Me. João Antônio de Sousa Lira

Me. Lucas Peres Guimarães

Me. Luma Myrele Brandão

Me. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa

Me. Márcio Bonini Notari

Me. Maria Antônia Ramos Costa

Me. Milson dos Santos Barbosa

Ma. Náyra de Oliveira Frederico Pinto

Ma. Rosiane Correa Guimarães

Me. Viviane Cordeiro de Queiroz

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Todos os autores desta obra declaram que trabalharam ativamente na produção dos seus trabalhos, desde o planejamento, organização, criação de plano de pesquisa, revisão de literatura, caracterização metodológica, até mesmo na construção dos dados, interpretações, análises, reflexões e conclusões. Assim como, atestam que seus artigos não possuem plágio acadêmico, nem tampouco dados e resultados fraudulentos. Os autores também declaram que não possuem interesse comercial com a publicação do artigo, objetivando apenas a divulgação científica por meio de coletâneas em temáticas específicas.

## APRESENTAÇÃO

O E-book *Amplamente: Gênero e diversidade* consiste em uma coletânea de textos científicos oriundos de teorias e práticas profissionais, nos diversos contextos de atuação, principalmente incorporados às demandas que a sociedade passou a dar ouvidos. Demandas emergentes com debates sobre estruturas sociais, políticas públicas e leis, trabalho e assistência, entre outras questões, sob o viés de gênero e diversidade.

Dessa forma, este debate terá múltiplas faces e possibilitará diversos diálogos direcionados ao avanço do conhecimento científico, que, por sua vez, não será aprofundado de forma unilateral, linear ou isolado, mas sim, de maneira interseccional às diversas demandas contemporâneas sobre gênero e diversidade.

É nesse sentido que, o E-book *Amplamente: Gênero e diversidade* traz diversos textos de pesquisadores/as/us em formato de artigos completos oriundos de pesquisa concluída, pesquisa em andamento, ensaio acadêmico e relato de experiência para suscitar um debate importante para os profissionais das diferentes áreas de conhecimento.

Assim, em nome da *Amplamente Cursos e Formação Continuada*, convido a todas as pessoas para leitura do E-book *Amplamente: Gênero e diversidade*, visando conhecer alguns dos principais debates, propostas, perspectivas, apontamentos, análises entre outras questões no campo da pesquisa científica. Desejo uma ótima leitura!

Luciano Luan Gomes Paiva

## SUMÁRIO

### ❖ **CAPÍTULO I**

#### **A INTERSEXUALIDADE E A POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INTEGRAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT) 10**

Gustavo Manoel Rocha Araújo; Rafael Rodolfo Tomaz de Lima.

DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-01

### ❖ **CAPÍTULO II**

#### **A JUDICIALIZAÇÃO COMO FERRAMENTA DE EFETIVAÇÃO DE DIREITOS PARA A COMUNIDADE LGBTQIA+ ..... 27**

Alain Axel Gomes Vieira; Jennifer Suellem Pereira Santos Ferreirinha;

Maykon Rodrigo Amorim de Souza.

DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-02

### ❖ **CAPÍTULO III**

#### **ACESSO DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE ..... 43**

Caik Ferreira Silva; Beatriz de Castro Magalhães;

Mauro Mccarthy de Oliveira Silva; Felice Teles Lira dos Santos Moreira;

Grayce Alencar Albuquerque.

DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-03

### ❖ **CAPÍTULO IV**

#### **BULLYING NAS ESCOLAS: ANÁLISE HISTÓRICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO ..... 56**

Francisco Kleiton de Souza Silva.

DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-04

### ❖ **CAPÍTULO V**

#### **EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS DIREITOS DAS PESSOAS LGBTI+ NO BRASIL ..... 64**

Amanda Souto Baliza.

DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-05

### ❖ **CAPÍTULO VI**

#### **REPRESENTATIVIDADE E ESTÉTICA DE PROTESTO NO YOUTUBE: O VIDEOCLIBE COMO MANIFESTO MUSICAL LGBTQIA+ EM LEONA VINGATIVA, JOHNNY HOOKER E PABLO VITTAR..... 80**

Weberson Ferreira Dias; Geovanna de Lourdes Alves Ramos.

DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-06

❖ <b>CAPÍTULO VII</b> <b>RODAS DE CONVERSA “FAZENDO GÊNERO” - UM ESPAÇO NECESSÁRIO</b> <b>PARA A DESCONSTRUÇÃO .....</b>	<b>96</b>
William Roslindo Paranhos. DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-07	
❖ <b>CAPÍTULO VIII</b> <b>SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA</b> <b>.....</b>	<b>112</b>
Vanessa de Brito Bonifácio DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-08	
❖ <b>CAPÍTULO IX</b> <b>TRANSGÊNEROS: UM EQUÍVOCO ENQUANTO “CLASSIFICAÇÃO” DE</b> <b>ORIENTAÇÃO SEXUAL.....</b>	<b>121</b>
Fernanda Bravo Rodrigues. DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-09	
❖ <b>CAPÍTULO X</b> <b>VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA: AMOR ENTRE MULHERES EM PAUTA</b>	<b>134</b>
Maria Aparecida Webber. DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-10	
❖ <b>SOBRE OS ORGANIZADORES.....</b>	<b>140</b>
❖ <b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>142</b>
❖ <b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>147</b>

## CAPÍTULO VII

### RODAS DE CONVERSA “FAZENDO GÊNERO” - UM ESPAÇO NECESSÁRIO PARA A DESCONSTRUÇÃO

William Roslindo Paranhos<sup>72</sup>.

DOI – Capítulo: 10.47538/AC-2020.16-07

#### RESUMO:

O presente estudo relata uma experiência de (desin)formação ocorrida no município de Itajaí/SC, no ano de 2016, onde o autor atuou como facilitador/especialista de Rodas de Conversa acerca das temáticas de Gênero, Diversidade e Sexualidade na escola, junto de professores da rede pública, que atuavam em centros de educação integral. No período em que ocorriam os debates acerca dos Planos de Educação em níveis municipal, estadual e federal, o especialista participou da construção do programa de trabalho, o que lhe permitiu atuar diretamente em aspectos que, desde a concepção dos mais variados tipos de “formações”, acabam reproduzindo binarismos e violências simbólicas. O artigo configura-se por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, com base autoetnográfica, de método narrativo, que se concretiza através de um relato de experiência. Participaram das Rodas de Conversa cerca de 400 trabalhadoras e trabalhadores da educação, entre docentes, gestores de unidades e gestores da secretaria. As atividades foram desenvolvidas utilizando o método dos Grupos Operativos, a fim de que os participantes pudessem encontrar um espaço de diálogo aberto, sem rigidez ou estruturas pré-definidas. Acredita-se que o presente estudo possa instrumentalizar pesquisadores da área no desenvolvimento de projetos que sigam a proposta, facilitem o diálogo com as equipes docentes e auxiliem no processo de desconstrução de preconceitos e discriminações na sociedade. Este texto utiliza linguagem sem gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Formação Docente. Diversidade na Escola. Estudos de Gênero.

#### INTRODUÇÃO

As pautas de diversidade possuem uma natureza histórica bastante antiga, anterior, até mesmo, ao seu entendimento como conceito. O termo surge manifesto na literatura, pela primeira vez, junto dos postulados da filosofia política hegeliana, e possui estreita relação com a manutenção do direito de se defender a singularidade do ser enquanto expressão cívica. Há um entrelaçamento, também, do termo com o conceito de minoria

---

72 Mestrando em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professor universitário. Conteudista acadêmico. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Inovação em Ciência e Tecnologia - CoMovI - UFSC/CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7094765022889634>. E-mail: [williamroslindoparanhos@gmail.com](mailto:williamroslindoparanhos@gmail.com)

de Kant. Ambos, por sua vez, consideram-se movimentos contrários à hegemonia, explicitada por Gramsci.

Considerando o panorama nacional, as agendas ligadas à diversidade foram atendidas, de maneira mais expressiva, quando da eleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Logo após a posse, o presidente sinalizou que seu governo receberia as reivindicações da comunidade LGBTT (à época), sendo que, de fato, muitas políticas públicas focadas nesta parcela da população foram desenvolvidas, numa perspectiva de larga escala, nos primeiros anos de governo do mandatário (VIANNA, 2012).

Após a reeleição da presidenta Dilma Vana Rousseff, no ano de 2014, discursos conservadores e hegemônicos ganham espaço na pauta de discussões, tanto no âmbito governamental, quanto nos espaços da sociedade civil organizada, sendo considerado um dos mais expressivos o espaço escolar. Tais grupos, com contundente discurso heterocisnormativo (PARANHOS, 2015), pautado em premissas relacionadas à moral e aos bons costumes, ganham espaço de maneira ágil, culminando em um processo de impeachment (impedimento) da presidenta, destituída do poder em 2016 (DALMASO; STOCKER, 2016; SALIBA; SANTIAGO, 2016).

De maneira diretamente proporcional, neste mesmo ano observa-se o ápice das discussões em torno da inclusão ou exclusão do termo “gênero” dos Planos de Educação de todo país - em níveis municipais, estaduais e federal - que geraram verdadeiros confrontos entre conservadores e progressistas, direita e esquerda, minoria e maioria, ou de outras tantas formas que possa ser chamado. Em observância a este sinal, algumas gestões de educação lembraram-se que independente do contexto o qual viesse a se instalar, era necessário que professoras e professores estivessem munidos, ao menos na teoria, de uma formação que pudesse lhes proporcionar um cabedal de sustentação para enfrentar a dialética dentro das salas de aula - com alunos - e fora delas - com pais e colegas dentro das salas dos professores.

O presente artigo tem como objetivo relatar o projeto desenvolvido junto à Secretaria Municipal de Educação de Itajaí/SC, no ano de 2016, vinculado ao ciclo de formação desenvolvido em parceria com a UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí). A secretaria, que à época contava com um departamento específico para tratar de assuntos relacionados a aspectos da diversidade - gênero, sexualidade, étnico, racial, geracional,

entre outros, firmou parceria com um especialista na área, a fim de promover a capacitação de docentes que lecionavam nos CEDIN's (Centros de Educação em Tempo Integral)

Apesar de sua ocorrência datar do ano de 2016, é notável a necessidade que o *locus* educativo possui de se instrumentalizar de estratégias, tais como esta, considerando um panorama que, daquele ano para cá, só se alargou, quando hoje noticiam-se a perda de direitos por parte de todas as minorias, após a eleição do atual presidente do Brasil. Assim, entende-se que o presente estudo, além de justificável, é necessário.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo se caracteriza como sendo uma pesquisa de abordagem metodológica qualitativa, autoetnográfica, narrativa, que se concretiza através de um relato de experiência. O momento em que se define a metodologia a ser utilizada em uma pesquisa pode ser compreendido como uma das etapas mais concretas, considerando que esta definirá e norteará os procedimentos adotados durante todo o processo de construção, seja da pesquisa ou da escrita (CRESWELL, 2010).

De acordo com Creswell (2014), a pesquisa qualitativa baseia-se em pressupostos e conceitos interpretativos que abordam significados os quais pessoas e grupos atribuem a determinadas estruturas, sejam elas concretas ou subjetivas. Merriam e Tisdell (2016) elenca quatro aspectos que caracterizam a pesquisa qualitativa: foco na compreensão e busca de determinado significado; participação do pesquisador dentro do processo; o processo é indutivo; produto do processo é descritivo.

Concentrando-se no aspecto de “participação do pesquisador dentro do processo”, inclusive pelo fato de ser o autor ator central nesse relato, a autoetnografia emerge como método paralelo à etnografia (CHANG, 2008; COSTA, 2016 - dissertação), que possui seu cerne em um aprofundamento intenso junto ao fenômeno estudado (GIL, 2018), Compreende-se também o estudo como narrativo pelo fato deste se relacionar diretamente com o fenômeno a ser estudado, através da gênese ligada diretamente às experiências e vivências que são contadas pelos indivíduos e grupos (CRESWELL, 2014).

Além disso, desde a concepção deste estudo, tornou-se evidente que, com intuito de resguardar as especificidades e da singularidade das Rodas de Conversa “Fazendo

Gênero”, seria o relato de experiência, como ferramenta do processo descritivo, aquele que poderia atender as reflexões acerca dos desdobramentos e repercussões que estas, apesar do curto espaço de tempo, puderam produzir (CAVALCANTE; LIMA, 2012).

## **DIVERSIDADE, MINORIAS E LUTAS CONTRA HEGEMÔNICAS**

Para que se tratar dos aspectos relacionados aos conceitos de diversidade e desigualdade, bem como compreendê-los, deve-se remontar aos conceitos da filosofia política hegeliana, onde Hegel discorre acerca da diversidade que seria de natureza espiritual humana, construída através da multiplicidade de circunstâncias que compreendem as pessoas e que, por si só, já seriam desiguais.

A diversidade, desta maneira, se constrói de maneira estreita e precisa junto da desigualdade, como se uma necessitasse da outra para coexistir. As coisas desiguais são diversas, mediante a desigualdade entre elas próprias (HEGEL, p.124). Conceitos expressos na Filosofia do Direito de Hegel possibilitam às pessoas o livre direito à expressão de sua diversidade (HEBECHE, 2011).

Contudo, observa-se na lógica Kantiana e na análise do direito à voz, o entendimento acerca dos conceitos de “maioria” e “minorias”. Maioridade, implica, na possibilidade e no direito de falar. Menoridade implica na impossibilidade do acesso à fala, à transgressão ao direito de falar, de expressar a diversidade. Daí deriva-se a lógica contemporânea acerca do conceito de minorias, e de seu não lugar de fala (RIBEIRO, 2017). Atualmente as minorias são representadas por todes aqueles que assumem este não lugar, na luta contra hegemônica social e política (RIBEIRO, 2015).

A hegemonia, segundo o pensador italiano Antônio Gramsci, relaciona-se com os termos derivados do grego, que se relacionam com condução, liderança, comando. Segundo o filósofo, o termo transpassa o aspecto político, assumindo as direções de cunho cultural e ideológico, tornando-se possível a compreensão de forças coercitivas e reguladoras (GRAMSCI, 1982).

Partindo destas três premissas basilares, é possível que se inicie um desenho acerca do conceito de diversidade, e de suas pautas, desde seu surgimento, ainda no século passado, até os dias atuais. No grupo identificado como minorias, encontram-se todes aqueles que se localizam em um “não lugar”, considerando que não gozam de uma

sociabilidade pautada na equidade de direitos, pelo fato de existirem em uma sociedade conservadora, branca, misógina e patriarcal, que não os considera pelo fato de não servirem ou servirem menos (SALIBA; SANTIAGO, 2016). Para a construção deste estudo, centra-se em uma perspectiva marcada pelas categorias de análise relacionadas às identidades LGBTQI+.

O “não servir” destas identidades possivelmente seja um dos mais cruéis, pois se relaciona de maneira direta com a diversidade e singularidade destas pessoas. A comunidade LGBTQI+ é formada por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais e todas aquelas identidades que se consideram discordantes com o conceito binário de expressão e vivência da sexualidade (SCOTT, 1999; BUTLER, 2003; BUTLER, 2014; FOUCAULT, 2014), e, por conseguinte não dispõe de mecanismos para servir ao sistema capitalista.

Foucault (2014) em “A História da Sexualidade - A vontade de saber” explicita a lógica de que a sexualidade, a partir da origem do sistema capitalista, passa a obedecer tão somente aspectos econômicos, a fim de que seja voltada à reprodução, com vistas ao povoamento e, por conseguinte, à criação de mais mão-de-obra e força de trabalho. Este é o prisma que baseia as ondas dos movimentos feministas - grupos minoritários - que dentre suas pautas buscam o direito ao pleno e livre exercício da sexualidade tão somente como fonte de prazer (PEDRO, 2005).

Para que possam obedecer à lógica reproducionista, da qual trata Foucault, as pessoas devem obedecer a um padrão binário da sexualidade que se sustenta, exclusivamente, nas diferenças sexuais biológicas, ou seja “entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais [...]” (BOURDIEU, 2019 p. 20) e que justificam as diferenças estabelecidas e culturalizadas em uma perspectiva de gênero.

Essa lógica legitima uma relação de dominação através de uma construção social que é naturalizada (BOURDIEU, 2019), e que, por conta do processo de naturalização, é legalizada pela sociedade que passa a sustentar, através de um ciclo vicioso, que a sexualidade deve se prestar, tão somente, a relações reprodutivas (BUTLER, 2014; BOURDIEU, 2019).

Pessoas “escrevem” suas histórias em relação com o outro, e neste processo é que surge a noção do indivíduo enquanto individualidade, bem como a capacidade dele se distinguir. (SELL, 2006). O conceito de identidade confere aos seres humanos a capacidade de se distinguirem, enquanto pessoas e individualidades, e de se inserirem nos contextos sociais (BUTLER, 2014).

Neste processo de naturalização compreendem-se inúmeras identidades que se percebem destoantes do “normal”, pelo fato de não obedecerem à lógica binária ou à necessidade do sexo biológico como base fundamental da expressão da sexualidade, e que nem por não obedecerem aos padrões impostos com relação a identidade desprezam o desejo de identificarem-se socialmente.

No estabelecimento destas relações, é que surgem as igualdades / desigualdades e diferenças, onde as pessoas deveriam ter o direito à igualdade quando a diferença às inferioriza, e tem o direito à diferença qual a igualdade coloca suas identidades - enquanto individualidade - em risco (SOUZA SANTOS, 2003). A diferença “[...] é que nos constitui enquanto grupo. A diferença está inscrita inclusive naqueles que são considerados dentro da norma. Somos pessoas únicas e em constante transformação em um ambiente, também em constantes transformações” (BRAGAGNOLO; BARBOSA, 2015, p.125). Contudo, o verbo “dever” aqui é conjugado no futuro do pretérito do indicativo para que remeta a noção de algo que deveria acontecer, mas que não ocorre.

Nas tensões geradas nestas relações, atravessadas pelas construções sociais ligadas à sexualidade, surgem os processos discriminatórios, que excluem e marginalizam todas as identidades que fogem à norma biologicista, pautada nos estereótipos anatômicos dos corpos (BARRETO *et al.*, 2010; BUTLER, 2014).

De acordo com o Caderno de Atenção Básica – Saúde sexual e Saúde Reprodutiva, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2013), a sexualidade deve ser compreendida a partir de uma dimensão que abrange aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e históricos e que não se restringe à meta reprodutiva, constituindo-se das relações amorosas e do laço afetivo entre as pessoas.

Em consonância com as pautas dos movimentos feministas (PEDRO, 2005), a luta dos grupos minoritários vem de encontro à necessidade da desnaturalização das desigualdades, que exigem um olhar transdisciplinar acerca de sua compreensão, numa

perspectiva integral de ser humano não generificado ou sexualmente construído, bem como para seu enfrentamento (BARRETO *et al.*, 2010).

Abre-se precedente para que sejam viabilizados espaços onde o processo de desconstrução se estabeleça, partindo do pressuposto de que as desigualdades existentes do ponto de vista sexual e de gênero produzem e reproduzem violências (PARANHOS, 2015), pautando-se em uma perspectiva de justiça social, saúde e bem-estar para todas e todos.

### **SEXO, SEXUALIDADE E AMBIENTE ESCOLAR**

A escola é o segundo espaço de socialização que crianças frequentam em sua vida (PARANHOS, 2015). Ali o conceito de identidade assume outra perspectiva, saindo do “eu” para o “outro”, e são iniciados os processos de identificação social (SELL, 2006). Importante salientar que com o advento da revolução digital, indústria 4.0 e infoxicação, o distanciamento das relações intrafamiliares tem crescido de maneira constante e torna-se alarmante a transferência do processo de constituição do sujeito para o âmbito escolar, única e exclusivamente.

Paralelamente, as crianças, com suas urgências no descobrimento do novo, trazem para este ambiente de liberdade, demandas que acabam reprimindo dentro de sua própria casa por saberem que não serão ouvidas ou, o que é pior, repreendidas. E sim, muitas demandas eclodem sem que educadoras e educadores tenham a mínima noção do que se trata, e enquanto defensoras e defensores da libertação pedagógica, é dever dos docentes buscarem informação e formação constantes, afinal não há docência sem discência (FREIRE, 1996).

Apesar de parecer bastante recente e assustador, falar de sexo e sexualidade é uma prática que no período pós eclosão do regime capitalista torna-se bastante comum. Foucault (2014) defende que através de práticas excessivas, onde o mistério e o desejo são esgotados, o ser humano perde o interesse nos objetos e coisas, os quais tornam-se banais. Assim, a lógica capitalista exige que essa operação ocorra para que indivíduos, ao falar sobre sexo, parem de praticá-lo com constância e dediquem este tempo à produção. Contudo, após a naturalização do sexo e da sexualidade como binário e biológico, falar de sexo passa a não ser mais uma necessidade e volta, novamente, a tornar-se oculto, e

dentro deste novo panorama a ocultação passa a ter mais serventia do que a exposição (LOURO, 2001).

Os poucos momentos em que questões relacionadas ao sexo são abordadas no ambiente escolar, geralmente, se dão dentro de disciplinas de ciências e/ou biologia, quando do desenvolvimento do corpo humano e dos aparelhos reprodutores, o que deixa claro, mais uma vez, o caráter biologicista construído em torno do sexo. Esse mecanismo, além de obedecer a uma construção previamente desenvolvida, auxilia na manutenção da ordem do espaço escolar: não existe uma diferenciação sobre gênero e sexualidade, além do que se constrói uma linha entre o sexo (macho e fêmea), gênero (masculino e feminino) e a orientação sexual, sempre direcionada àquela ou àquele considerada como oposto (LOURO; NECKEL; GOELLNER, 2003).

Neste processo de normatização, centenas de milhares de jovens e crianças são invisibilizadas, marginalizadas e, até mesmo, violentadas, pois se sentem completamente avessas àquilo que o ambiente detentor do saber considera com normal e natural (CABRAL, 2016). Nesta perspectiva, a escola passa de um ambiente de sociabilidade e construção do saber para um espaço onde ainda mais violências, sejam elas simbólicas ou não, se desenvolvem (LOURO, 2001).

É importante ressaltar que este alune ao chegar à escola já passou por algum tipo de violência, quando da sua identificação como identidade LGBTQI+, seja pelo simples fato de ter de silenciar sua fala (BOURDIEU, 2019). A escola, neste sentido, deve operar como um espaço que integre este aluno, previamente excluído em outros espaços que frequentou, mas para isso deve reformular por completo sua perspectiva educacional (MANTOAN, 2003).

O processo de inclusão vai além do simples ato de aceitar o “diferente” - frisando que o diferente só se constitui em uma relação de comparação com o “eu” que o “eu” entende que seja normal - dentro de seu ciclo, mas de percebê-lo enquanto igual, em todos os sentidos, e ao mesmo tempo diferente, dentro de suas necessidades, e que estas possam ser expressas de forma livre, sem que seja iniciado um processo discriminatório (MANTOAN, 2003).

Neste sentido, é importante que a decisão de operar por meio da inclusão e do respeito à diversidade não seja isolada, mas intencionada e programada por toda a

comunidade escolar, em um processo que envolva todos os trabalhadores da educação envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, da professora ao merendeiro e zelador, a fim de que seja uma determinação expressa na base educacional da escola, inclusive no Plano Político Pedagógico. Estas são ações consideradas como macro políticas, mas passíveis de operarem transformações sociais (SOUZA SANTOS, 2003).

Assim, é importante que fique claro que acima de concepções e preceitos, a escola possui um compromisso ético-político e social, que deve se pautar no respeito e acolhimento de todas as pessoas, sem discriminação, e, por conseguinte, desta diversidade (CABRAL, 2016), mas que para isso sejam proporcionados momentos às docentes, que antes de professoras e professores também são seres humanos constituídos sob as mesmas óticas coercitivas e que, por fim, podem ser consideradas vítimas.

## **DISCUSSÃO**

Frente a um cenário de discussões acirradas acerca da inclusão ou exclusão do termo gênero nos Planos de Educação em níveis municipais, estaduais e federal, a Secretaria de Educação do Município de Itajaí, litoral norte de Santa Catarina, percebeu a urgência desta necessidade, e decidiu, no ano de 2016, iniciar um processo de formação para cerca de 400 professoras e professores dos Centros de Educação Integrada da rede. Em parceria com a UNIVALI, efetuou-se a contratação de um especialista que deveria trabalhar as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades, a fim de que docentes se compreendem o que ocorria no panorama da política educacional.

Contudo, o primeiro avanço e aspecto inovador da proposta nascem justamente antes de sua realização. A pedido do especialista, o escopo do projeto foi desenhado em conjunto com a equipe técnica da secretaria, adotando-se uma premissa democrática de educação (FREIRE, 1996). Além disso, a equipe composta para a discussão e arquitetura do projeto era formada, além do especialista, por gestores, funcionárias e funcionários públicos efetivos, psicopedagogas, psicólogas e psicólogos, compreendendo que não há outra forma de desenvolver quaisquer tipos de ações com foco no desenvolvimento humano senão através de uma perspectiva interdisciplinar (POMBO, 2008; MORIN, 2014).

O segundo avanço, apesar de simbólico, compreende-se ter sido um dos que mais provocaram retornos positivos: o nome do projeto. A ideia nasce partindo de um princípio formativo, que leve às professoras e professores mais conhecimento. Contudo percebe-se que, desde já, o mesmo se constitui obedecendo a uma lógica mecanicista e bancária, onde docentes, em sua maioria, criam certas resistências, esperando longas e tediosas tardes de falatório e discussões, talvez, infundadas. Assim, o projeto é batizado como “Rodas de Conversa Fazendo Gênero”.

O objetivo principal das rodas de conversa é definido por: Proporcionar à professoras e professores um espaço seguro para amplo diálogo, a fim de que possam, através da troca, perceber os processos nos quais estão engendrados e discursos que, talvez, estejam naturalizados. Em nenhum momento pretende-se formar, ensinar, analisar, identificar. A ideia é que, através de um contato direto com sua própria vivência, a própria equipe possa perceber o que vem ocorrendo. Na concepção da ementa basilar, foram utilizadas as teorias de Dominação Masculina e Violência Simbólica (BOURDIEU, 2019), da compreensão da sexualidade enquanto espaço de poder (FOUCAULT, 2014) e *Queer* (BUTLER, 2014).

O público, composto por docentes dos CEDIN's da rede, era diverso: docentes de todas as disciplinas regulares, professoras e professores de educação infantil, além de gestoras e gestores das unidades. Participaram também integrantes da equipe da secretaria. O evento não era obrigatório e foi ofertado durante o período de trabalho, o que facilitava a participação de todos. Ao total foram seis encontros de quatro horas cada, totalizando 24h de atividades e cerca de 400 participantes.

A metodologia baseada nos Grupos Operativos de Pichón-Rivière (CASTANHO, 2012) facilitava a comunicação entre participantes, bem como estimulava a “entrega”. O início das tardes era marcado por uma roda de apresentações, mas que tinha como intuito iniciar a discussão. O especialista propunha que as pessoas presentes se apresentassem dizendo seu nome e o motivo pelo qual haviam sido batizadas e batizados com o mesmo. Gerando uma descontração e promovendo um espaço amistoso, ali já estava localizado o ponto de partida de toda a discussão: o nome é aquilo que nos identifica e singulariza e, sendo assim, o que é identidade?

O segundo momento era marcado pela leitura de algumas notícias, que à época estavam em evidência nos principais meios de comunicação, sempre apresentando casos de violência praticados contra pessoas LGBTQI+ ou pela simples suposição de que a vítima o fosse. A decisão de utilizar tal conteúdo foi pensada numa perspectiva de ação junto ao consciente coletivo de que tudo aquilo que fere, sangra ou representa dores, perpassa um limite, socialmente construído, do aceitável. Após a leitura e discussão, era consenso de que aqueles crimes se consideravam bárbaros e deveriam ser punidos.

A terceira parte do encontro partia para uma explanação acerca da biologização dos corpos como instrumento necessário para a eficácia do capital (FOUCAULT, 2014). Neste momento discursos contrários a esta teoria eram expostos pelas pessoas que participavam da roda de conversa, e mediante os mesmos, provocava-se o debate com o restante dos integrantes. Após muita discussão, alguns pontos chaves do discurso eram gravados em um quadro e um acordo era estabelecido com as presentes de que, posteriormente, retornaríamos à discussão.

Posteriormente iniciava-se uma discussão acerca do espaço semântico negativo da língua portuguesa, e das diferenciações entre palavra e significado de, por exemplo: homem chamado de galo - esperto, inteligente, aquele que sabe das coisas; mulher chamada de galinha - promíscua, vulgar (no momento várias expressões eram discutidas). A partir desta análise, iniciava-se um debate sobre o que seriam as ditas construções sociais.

Ainda sobre as construções sociais, propunha-se que as participantes apresentassem máximas populares que, por mais infundadas que fossem, eram propagadas largamente: coisa de menina, jeito de homem, homem não chora, não seja mulherzinha. Ora, de onde haviam saído tais discursos? Quais teorias baseavam e fundamentação a criação e propagação destes discursos, senão o senso comum, construindo uma verdade socialmente? E neste ponto, abordava-se o constructo da Violência Simbólica de Bourdieu (2019).

Para trabalhar a questão, não eram apresentados exemplos ou teorizações, e uma simples pergunta era projetada no quadro: O que te faz sentir dor? A partir deste questionamento, as participantes iniciavam uma reflexão, momento este em que, não raro, eram expressas emoções e relatadas situações até então escondidas. Ouvidos os relatos,

pedia-se, também, licença às professoras e professores para que aquele momento fosse finalizado posteriormente.

Então era iniciado o penúltimo momento do encontro e, para tanto, era pedido que, primeiramente, es funcionáries da gestão (Secretaria de Educação) se retirassem da sala, a fim de proporcionar mais liberdade ao restante do grupo. Com fotos de personalidades estampadas na projeção, fora solicitado que o grupo imaginasse que estava em casa, com a família ou com o grupo com o qual mais se afiniza, e que, a partir daquele momento, julgassem.

Foram proferidas frases feitas, piadas, risadas, palavrões e expressões de baixo calão. Passado o momento, o especialista, utilizando dos corpos das pessoas presentes, explanava acerca das categorias de análise: identidade de gênero, expressão de gênero, orientação afetivo sexual, sexo (biológico, gonadal e cromossômico) e ato sexual, fundamentando, teoricamente, que nenhuma dessas categorias era, cientificamente, binária.

Por fim, o especialista convidava a todes es participantes a sentarem-se da forma como mais achassem apropriado, mas que se permitissem, da maneira como quisessem, trocaram toques, fossem apertos de mão, abraços, carícias, colos. Neste campo criado, foram trazidas as questões deixadas em aberto: da sexualidade como mecanismo de poder e da biologização dos seres e de momentos de violência sofridos ao longo da vida.

Foram finais de tarde positivos, carregados de muito afeto e emoção, onde professoras e professores observavam-se por outra ótica, agora sendo aqueles que jamais imaginaram ter sido: a pessoa que discrimina, que violenta, que reproduz. E além, que todes são seres que possuem suas mazelas, seus medos, suas inseguranças, mas que temos o direito de viver em uma existência, que atravessa o âmbito educacional, pautada, tão somente, na humanidade.

## CONCLUSÃO

Com sua gênese localizada em um momento histórico onde grupos tornam-se mais fortes pelo fato de deter poder político e econômico, em contraste com grupos quantitativamente maiores, mas que são “apequenados” pelo infortúnio de não possuírem

recursos que sirvam ao capital - sejam eles monetários, físicos ou outros quaisquer - as pautas de diversidade emergem em um cenário de luta e resistência, primando pela dignidade da pessoa humana e pela manutenção, e livre expressão, de suas singularidades e especificidades, sendo que lhe sejam garantidos o respeito e o direito de serem iguais, sem que deixem de ser diferentes.

Atualmente o cenário parece remontar aos séculos dos quais se referem Gramsci e Kant, onde se faz necessário um acirramento das pressões populares sobre os grupos hegemônicos que operam, mais uma vez, na tentativa de calar e invisibilizar todas as pessoas que continuam não “servindo” ao mercado de consumo desenfreado, produzindo cada vez mais força de trabalho. Assim, discursos biologizantes, religiosos, e até mesmo de senso comum, ganham força, adquirindo status de ódio, que agem de maneira ainda mais perversa, direta e violenta.

Diante deste panorama, é evidente que a academia possui um papel central a fim de reformular a práxis com relação à diversidade, reorientando a prática de professoras e professores de todo o solo nacional numa perspectiva libertadora e de autonomia, como Diria Freire, onde alunas e alunos possam desenvolver, de maneira livre, a formação de seu senso crítico.

Propor e desenvolver trabalhos como o relatado neste estudo, tornam muito mais próxima a discussão acerca da diversidade e da urgente necessidade que docentes possuem de não só estarem atentos às siglas e legislações, mas perceberem-se como ativos de propagação de violências e ações discriminatórias, são somente no contexto escolar, mas na sociedade como um todo, onde tais atos seguem sendo internalizados, culturalizados e normalizados. Para que a desconstrução possa ocorrer de fato, ela deve partir de seu lugar de origem: dentro de cada uma e de cada um, e para tanto os atos devem ser reconhecidos a partir de uma perspectiva de autoconhecimento.

Importante salientar que cada vez mais relatos como este sejam desenvolvidos por pesquisadoras, pesquisadores, especialistas, docentes, e quantas mais pessoas desenvolvam trabalhos que primem pela representatividade e pelo respeito, primeiramente pelo fato de servirem de exemplo e orientação ao desenvolvimento de outros projetos similares e, em segundo, mas não menos importantes, para que fique evidente a toda a sociedade que a luta pelo respeito à diversidade jamais será apagada.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. “Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente”. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 13, p. 69-82, abril 2013.

BARRETO, Andreia; MANICA, Daniela; ZANETI, Julia; ARAÚJO, Leila; CARRARA, Sérgio. Diversidades, diferenças e interculturalidade. In: BRASÍLIA. Sérgio Carrara. Secretaria Especial de Políticas Para Mulheres (org.). **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade do CLAM**. Brasília: Cepesc, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Bertrand Brasil, 16ed. 2019. 208p.

BRAGAGNOLO, Regina Ingrid; BARBOSA, Raquel. Diversidade como princípio pedagógico inclusivo. In: FLORIANÓPOLIS. Miriam Pillar Grossi. Universidade Federal de Santa Catarina. **Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola**. Florianópolis: Ufsc, 2015. Cap. 5. p. 121-139.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. (org.). **Cadernos de Atenção Básica: saúde sexual e saúde reprodutiva**. Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. 2013. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexual\\_saude\\_reprodutiva.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf). Acesso em: 24 ago. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Regulações de Gênero**. Cadernos Pagu, vol.42, jan-junho de 2014.

CABRAL, Paulo Sérgio. Qual o conceito de gênero na perspectiva docente? 2016. Trabalho de Conclusão (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral/UFPR, Itajaí, SC, Brasil

CASTANHO, Pablo. UMA INTRODUÇÃO AOS GRUPOS OPERATIVOS: TEORIA E TÉCNICA. **Revista do Nesme**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 47-60, jan. 2012.

CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de;. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **Journal of Nursing and Health**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 94-103, jan. - jun. 2012.

CHANG, H. *Autoethnography as method*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press., 2008. Disponível em: <[http://www.kssae.or.kr/pds\\_wolfile/220060425100855.doc.&gt;](http://www.kssae.or.kr/pds_wolfile/220060425100855.doc.&gt;). Acesso em: 24 ago. de 2020.

COSTA, J. Para uma auto-etnografia dos estados de vulnerabilidade: ensaio num caso de disfunção da tireóide. In: **CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA - INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**, 5., 2016. Porto: Ludomedia, 2016. v. 3, n. 1, p. 256-265. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/949&gt;>>. Acesso em: 24 ago. de 2020.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa - Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa & Projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014. 176p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018. 355 p.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Nelson Coutinho. Círculo do Livro, São Paulo, 1982.

HEBECHE, Luiz. HEGEL E O DIREITO. *Peri*, [S.I.], v. 3, n. 1, p. 73-84, jan. 2011.

HEGEL, G. W. F. A Ciência da Lógica [CL]. Parte I: A lógica objetiva, Livro II: A doutrina da essência, Seção I: A essência como reflexão em si mesma, Capítulo II: As essencialidades ou as determinações da reflexão, B. A diferença, 2. A diversidade. Tradução de Paulo Roberto Konzen. In: **Revista Opinião Filosófica**. Porto Alegre, RS, 2011. p. 120-125.

LOURO, G.L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M.V. (Org.). **O currículo nos limiões do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 85-92.

LOURO, G.L.; NECKEL, F.J.; GOELLNER, V.S. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar – O que? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. 93 p.

MERRIAM, Sharan B.; TISDELL, Elizabeth J.. **Qualitative Research: a guide to design and implementation**. 4. ed. São Francisco/ca: Jossey-Bass, 2016.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 128 p.

PARANHOS, William Roslindo. **A heterocisnormatividade na construção de nossa personalidade**. 2015. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2015/10/08/a-heterocisnormatividade-na-construcao-de-nossa-personalidade/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste - Campus Foz do Iguaçu**, v. 10, n. 1, p. 9-40. 1º Semestre 2008.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global. 2015. 368p.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento. 2017. 112 p.

SALIBA, Maurício Gonçalves; SANTIAGO, Brunna Rabelo. BAILARINAS NÃO FAZEM POLÍTICA? ANÁLISE DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO PRESENTE NO PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF. **Direitos Fundamentais & Democracia**, [S.I.], v. 21, n. 21, p. 91-105, dez. 2016.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

SELL, Teresa Adada. **Identidade homossexual e normas sociais**: histórias de vida. 2. ed. Florianópolis: Ufsc, 2006. 255 p.

SILVA, Fabiane M. “Educação e Docência: Um estudo sobre as relações de gênero e diversidade na escola”. **Revista Ártemis**, v. XXII, n. 1, p. 17-31, jul.-dez. 2016.

SOUZA SANTOS, Boaventura. *Toward a multicultural conception of human rights*. In: Nilma Lino Gomes. **Cotas étnicas**. Palestra UFMG, 09 de maio de 2003.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 679-690, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p679>.

VIANNA, Cláudia. “Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica”. **Pro-Posições**, v. 23, n. 2, p. 127-143, maio/ago. 2012.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**FREITAS, Dayana Lúcia Rodrigues de:** Mestre em Ciências da Educação pelo Centro de Educação Continuada e Aperfeiçoamento Profissional (CECAP). Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Especialista em Metodologia do ensino de Biologia e Química pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG/MG). Especialista em Educação Ambiental e Geografia do semiárido pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Especialista em Ensino de Ciências Naturais e Matemática pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Especialista em Língua Portuguesa, Matemática e Cidadania pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Graduada em Licenciatura Plena em Biologia pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Técnica em Meio Ambiente pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/RS). Palestrante. Pesquisadora. Professora e Orientadora de cursos de Pós-Graduação e Graduação em instituições da rede privada em Macau/RN. Professora; Orientadora de TCC e Orientadora de Estágio Curricular Supervisionado da Escola Técnica Fanex Rede de Ensino – Macau/RN. Professora da Educação Básica do município de Guamaré/RN. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5355-3547>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5122671799874415>. E-mail: [dayannaproducoes@gmail.com](mailto:dayannaproducoes@gmail.com).

**PAIVA, Luciano Luan Gomes:** Diretor de Arte na Editora Amplamente Cursos, coordenando toda a produção visual e ações de publicidade nas redes sociais e site da empresa. No campo da Educação, atua como Coach Educacional, Palestrante, Ministrante de Oficinas (presenciais e on-line), Tutor a Distância na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Professor de Música em múltiplos contextos. Como pesquisador, tem feito estudos sobre Aprendizagem mediada por Tecnologias Digitais sob a ótica da Complexidade; Formação Docente no âmbito das Tecnologias Digitais; e Mediação Pedagógica no Ciberespaço. Também é membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Música (GRUMUS-UFRN). Tem formação acadêmica, como Mestre em Música (com ênfase em Educação Musical) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN). Licenciado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6192-6075>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0772088747598226>. E-mail: [luciano.90@hotmail.com](mailto:luciano.90@hotmail.com).

**FERNANDES, Caroline Rodrigues de Freitas:** Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Pós-graduanda em Educação Inclusiva pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio

Grande do Norte (IFRN). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade UNOPAR. Técnica em Contabilidade pelo Centro de Educação Integrada Monsenhor Honório (CEIMH). Atuou como professora da Rede Pública em Macau/RN. Atuou como professora da Escola Técnica Fanex Rede de Ensino – Macau/RN. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9198-6746>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5956672837215695>. E-mail: [caroline\\_brum2005@hotmail.com](mailto:caroline_brum2005@hotmail.com).

## SOBRE OS AUTORES

**ALBUQUERQUE, Grayce Alencar:** Enfermeira, graduada pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Docente do quadro efetivo da URCA. Doutora em Ciências da Saúde pelo programa de Pós-graduação da Faculdade de Medicina do ABC. Líder do grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI) da URCA. Coordenadora do Observatório da Violência e dos Direitos Humanos na região do Cariri da URCA. Tutora do PET Enfermagem URCA. Docente permanente do Mestrado Acadêmico de Enfermagem e do Mestrado Profissional em Saúde da Família pela RENASF e Docente Colaboradora do Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente (URCA/UECE). Coordenadora do Mestrado Acadêmico de Enfermagem da URCA. Atualmente desenvolve pesquisas vinculadas à Saúde Coletiva, Promoção da Saúde, Saúde Pública e Enfermagem com foco em temáticas transversais como sexualidade, gênero, raça, diversidade sexual, inclusão social, violência contra mulher e populações vulneráveis, consumo de drogas, comportamentos de risco, humanização em saúde e acessibilidade aos serviços de saúde. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8726-0619>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7641791864825372>. E-mail: [Geycyenf.ga@gmail.com](mailto:Geycyenf.ga@gmail.com)

**ARAÚJO, Gustavo Manoel Rocha:** Bacharel em Nutrição pela Universidade Potiguar. Graduando do curso de Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde pela UFRN, Pós-graduando em Informática na Saúde pela UFRN. Estagiário na Subcoordenadoria de Programação, Controle Ambulatorial e Hospitalar da Secretaria de Estado da Saúde Pública do Rio Grande do Norte (SESAP/RN). Estagiário pesquisador no Observatório de Recursos Humanos da UFRN. Integrante do grupo de pesquisa Gestão, Educação, Trabalho e Saúde. Embaixador LGBTQIA+ pela TODXS Brasil Representando o estado do Rio Grande do Norte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0899-986X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0707556753687198>. E-mail: [gustavo\\_mra@hotmail.com](mailto:gustavo_mra@hotmail.com)

**BALIZA, Amanda Souto:** Advogada, primeira pessoa trans a retificar os registros na OAB/GO. Graduada em Direito pela UniEvangélica em 2012. Trabalha como advogada desde os 22 anos, atua nas áreas de Direito LGBTI+, Direito da Saúde e Direito Penal. Membro da Comissão de Diversidade Sexual e de Gênero, da Comissão de Direito Médico, sanitário e defesa da saúde e da Comissão da Mulher Advogada, todas da OAB/GO. Coordenadora da área de segurança pública do projeto Cumpra-se da Aliança Nacional LGBTI+ e do grupo de trabalho do Manual de Segurança Pública e LGBTI+ da coletânea da diversidade da Aliança Nacional LGBTI+. E-mail: [amanda.s.baliza@gmail.com](mailto:amanda.s.baliza@gmail.com)

**BONIFÁCIO, Vanessa de Brito:** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá e em Psicologia pela Universidade Potiguar (UNP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0905478154732881>. E-mail: [vanessabritob@outlook.com](mailto:vanessabritob@outlook.com)

**DIAS, Weberson Ferreira:** Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM/UEG). Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER/UEG), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg). Graduado em Comunicação Social/Jornalismo (UFT), MBA em Comunicação Empresarial e Marketing (ITOP) e pós-graduado em Docência do Ensino Superior (FAPAF). Atualmente é Assistente em Administração do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), *campus* Gurupi. As publicações do pesquisador refletem principalmente sobre os seguintes temas: Comunicação, Religiosidade Popular, Representações Sociais na Mídia, Narrativas Pessoais Miatizadas, Humor, Corpo e Gênero. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3638-5590>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3854785614437896>. E-mail: [webersondias@gmail.com](mailto:webersondias@gmail.com).

**FERREIRINHA, Jennifer Suellem Pereira Santos:** graduação em Direito bacharelado pela Faculdade de Macapá (2011). Pós graduação em Docência do ensino superior (2012). Pós graduação em Direito do Trabalho e Previdenciário (Cursando). Já atuei como estagiária na DPU - Defensoria pública da União no último ano de graduação. Atualmente sou professora na Faculdade Brasil Norte (de 2013 até o presente), no período da noite e leciono módulos de pós-graduação em direito na Faculdade Estácio SEAMA, onde também já atuei como professora no curso de bacharelado em direito (2019). Cursando Bacharelado em Educação Física pela Universidade Paulista - UNIP. Possuo experiência nas áreas de: Civil, Penal, Previdenciário, Trabalhista, Administrativo e Constitucional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1362835276042867>. E-mail: [jennifersarquis@gmail.com](mailto:jennifersarquis@gmail.com)

**LIMA, Rafael Rodolfo Tomaz de:** Bacharel em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde pela UFRN, Especialista em Saúde Pública pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), Mestre em Ciências da Saúde pela UFRN e Doutorando em Saúde Coletiva pela UFRN. Atualmente é professor substituto do Departamento de Saúde Coletiva (DSC) da UFRN. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0647-5093>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2815060787835835>. E-mail: [limarrt@gmail.com](mailto:limarrt@gmail.com).

**MAGALHÃES, Beatriz de Castro:** Enfermeira, graduada pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da URCA. Integrante do Observatório da Violência e Direitos Humanos da Região do Cariri e Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI) da URCA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6827-6359>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6996058872264945>. E-mail: [beatriz.castro022015@gmail.com](mailto:beatriz.castro022015@gmail.com)

**MOREIRA, Felice Teles Lira dos Santos:** Enfermeira, graduada pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Mestre em Enfermagem pelo Programa de

Pós-graduação em Enfermagem da URCA. Especialista em Auditoria em Sistemas de Saúde pelo Centro Universitário São Camilo. Professora do curso de graduação em Enfermagem da URCA e enfermeira intensivista da UTI Pediátrica do São Camilo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1979-5232>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7558021339676255>. E-mail: [felichelira@hotmail.com](mailto:felichelira@hotmail.com)

**PARANHOS, William Roslindo:** Aluno do Mestrado Interdisciplinar no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Especialista em Estudos de Gênero e Diversidade na Escola, também pela UFSC. Professor universitário. Conteudista acadêmico. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Inovação em Ciência e Tecnologia - CoMovI - UFSC/CNPq. Consultor (público/privado) com foco em organizações saudáveis, gênero e diversidade, diversidade e inclusão nas organizações, autoconhecimento, inteligência emocional, habilidades socioemocionais. É autor de capítulos de livros e artigos em anais de eventos e periódicos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7094765022889634>. E-mail: [williamroslindoparanhos@gmail.com](mailto:williamroslindoparanhos@gmail.com).

**RAMOS, Geovanna de Lourdes Alves:** Possui Graduação em História (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal de Uberlândia (2004), Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (2012), Mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2007), com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (Capes) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2014), com período Sanduíche na Universidade de Lisboa/PT, como bolsista Capes. Atualmente é docente Adjunta II do curso de História, Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO da Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Pesquisadora convidada da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como também da Universidade Federal do Pará e da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de professores, História da Educação, Cultura Escolar, Práticas e Saberes, Relações de Gênero, Trabalho e Movimentos Sociais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4998-4517>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1375314669209734>. E-mail: [geovanna@ufu.br](mailto:geovanna@ufu.br)

**RODRIGUES, Fernanda Bravo:** Atualmente é Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (PPGP/UFC). É Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (2019). Foi bolsista do Programa de Residência Pedagógica de Sociologia da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) vinculado a Universidade Federal do Ceará (UFC) (2018 - 2019). É pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica (PARALAXE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/UFC). Tem interesse nas áreas de Psicologia Social Crítica, Psicologia Educacional e perspectiva decolonial. Tem como objetivo de pesquisa as diversidades sexuais e de gênero, com ênfase nos sujeitos trans - transfeminilidades - e acesso desses indivíduos às

instituições normativas. Na Sociologia, tem experiência nas áreas de Ensino de Sociologia e Direitos Humanos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6897-3122>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4828162538625554>. E-mail: [fernandabravo.ufc@gmail.com](mailto:fernandabravo.ufc@gmail.com)

**SILVA, Caik Ferreira:** Enfermeiro, graduado pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Mestrando em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da URCA. Especialista em Gênero e Sexualidade e em Sexualidade Humana pela Faculdade Dom Alberto. Integrante do Observatório da Violência e Direitos Humanos da Região do Cariri e Membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão – GPESGDI da URCA. Técnico em Enfermagem pela Escola Estadual de Educação Profissional Amélia Figueiredo de Lavor - EEEP AFL. Tem interesse nas áreas afins a Enfermagem e Saúde Coletiva, com ênfase nas seguintes temáticas: saúde reprodutiva, violência, saúde da diversidade sexual e de gênero, bases teóricas do cuidar, teorias de enfermagem e metodologia da pesquisa. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0307-8172>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6034774678003517>. E-mail: [caik17ferreira@gmail.com](mailto:caik17ferreira@gmail.com)

**SILVA, Francisco Kleiton de Souza:** Professor de História licenciado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Discente do Curso de Pós-graduação em Gestão Escolar pela DOM ALBERTO. Discente do Curso de Pós-graduação em História e Cultura do Brasil pela Estácio. Discente do Curso de Pós-graduação em Ensino de História pelo Instituto Século XXI. Mestrando em Ciências da Educação pela Faculdade de Sidrolândia (FACSIDRO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0809916330857760>. E-mail: [kleitonsouza07@gmail.com](mailto:kleitonsouza07@gmail.com)

**SILVA, Mauro Mccarthy de Oliveira:** Enfermeiro, graduado pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEAO. Mestrando em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da URCA. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva e Emergência pela UNILEAO. Professor colaborador da Liga Multidisciplinar de Trauma do Cariri - LIMTRAC. Professor integrante do Programa de Educação Tutorial - PET enfermagem da URCA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8895-7760>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8753343443198387>. E-mail: [mauro\\_mccarthy@hotmail.com](mailto:mauro_mccarthy@hotmail.com)

**SOUZA, Maykon Rodrigo Amorim de:** Graduado em Gestão em Negócios Imobiliários – conclusão em 2006, Faculdades Integradas do Tapajós – FIT. Graduação em Direito – conclusão 2013, Faculdades Integradas do Tapajós – FIT. E-mail: [miko\\_itb@hotmail.com](mailto:miko_itb@hotmail.com)

**VIEIRA, Alain Axel Gomes:** Graduando em Direito pela Faculdade Brasil Norte-Fabran. Já atuou como estagiário em escritório de advocacia por 8 meses; já atuou como estagiário no tribunal de justiça do Amapá-TJAP por 5 meses; Atualmente é estagiário no Ministério Público Federal- MPF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0860062964373198>. E-mail: [Vieiralain2.0@gmail.com](mailto:Vieiralain2.0@gmail.com)

**WEBBER, Maria Aparecida:** Doutoranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Mestra em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná (PPGA - UFPR), dedica-se a temas de pesquisa que incluem Fronteiras, Identidade, Fluxos e Dinâmicas de Mobilidade Transfronteiriça. Também se interessa pela temática da Interculturalidade, Construções de Gênero e Feminismos. É graduada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e atua como servidora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) desde 2012. Participa do Laboratório de Pesquisa em Fronteiras, Estado e Relações Sociais - LAFRONT. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1523-7118>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7242697010935830>. E-mail: [webber.cidamaria@hotmail.com](mailto:webber.cidamaria@hotmail.com).

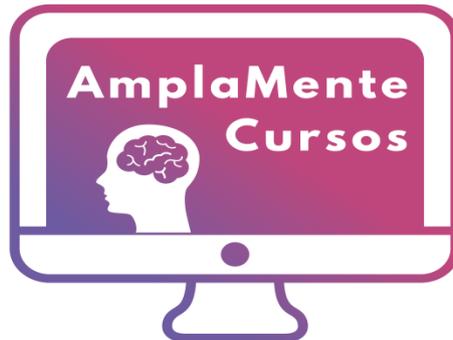
## ÍNDICE REMISSIVO

- A**  
Ambiente Escolar, [56](#)  
Assexualidade, [112](#), [117](#)
- B**  
Biopsicossocial, [121](#)  
Bullying, [56](#), [58](#), [61](#), [63](#)
- C**  
Cisgeneridade, [125](#)  
Comunicação, [80](#)  
Cultura Pop, [80](#)
- D**  
Direito. LGBTI+, [64](#)  
Direitos LGBTQIA+, [27](#)  
Diversidade, [134](#)  
Diversidade de gênero, [43](#)  
Diversidade na Escola, [96](#)  
Diversidade sexual, [43](#)
- E**  
Educação, [96](#)  
Educação Superior, [134](#)  
Evolução, [64](#)
- F**  
Formação Docente, [96](#)
- G**  
Gênero, [10](#), [56](#), [60](#), [67](#), [72](#), [74](#), [96](#), [113](#),  
[121](#), [125](#)
- H**  
Homofobia, [57](#)  
Homossexualidade, [69](#), [112](#), [114](#)  
Homotransfobia, [64](#), [73](#)
- I**  
Intersexualidade, [10](#)
- J**  
Judicialização, [27](#), [28](#), [30](#), [31](#)
- L**  
LGBTI+, [10](#), [64](#), [70](#), [71](#)  
LGBTQI+, [100](#)  
LGBTQIA+, [28](#), [31](#), [33](#), [38](#), [80](#), [114](#),  
134
- O**  
Orientação sexual, [112](#)  
Orientação Sexual, [126](#)
- P**  
Pansexualidade, [112](#)  
Política de Saúde, [10](#)
- S**  
Saúde, [43](#)  
Saúde Pública, [10](#)  
Sexualidade, [121](#)
- T**  
Transgênero, [121](#)
- V**  
Visibilidade Lésbica, [134](#), [135](#)

E-BOOK

# AMPLAMENTE: GÊNERO E DIVERSIDADE

1ª EDIÇÃO. VOLUME 01.



**EDITORA DE LIVROS  
FORMAÇÃO CONTINUADA**

## ORGANIZADORES

Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas  
Luciano Luan Gomes Paiva  
Caroline Rodrigues de Freitas Fernandes

DOI: 10.47538/AC-2020.16

ISBN: 978-65-992789-5-2

 (84) 99707 2900

 @amplamentecursos

 amplamentecursos

 publicacoes@editoraamplamente.com.br



Ano 2020